

URUPÊS E O SERTANEJO BRASILEIRO

Andrade Muricy

Reproduzido, com atualização ortográfica, do livro do autor *O Suae Convívio, ensaios críticos*. Rio de Janeiro, Anuario do Brasil; Lisboa, Seara Nova; Porto, Renascença Portuguesa, 1922, p. 86-90. O autor fala de um livro — *Urupês e o Sertanejo Brasileiro* — e de um autor — Leonidas de Loyola — hoje inteiramente esquecidos. Ao então jovem paranaense tão louvado por Andrade Muricy não faltou a coragem de fazer restrições a Monteiro Lobato, já consagrado pela conferência de Rui Barbosa e pelo artigo de Tristão de Athayde.

Houve quem afirmasse que a atual nova geração intelectual brasileira é uma geração de pensadores. Isso não exprime com a conveniente nitidez o juízo que faço dessa geração. Há nela poetas, romancistas, contistas, escritores de obras teatrais, autores de literatura de viagem, crônicas, etc; e que essa geração possui também número elevado de pensadores: de filósofos, de críticos, de filólogos, de sociólogos, de juristas, de publicistas cultores das várias ramificações da atividade mental alheia à arte propriamente dita. Esse fato parece, assim enunciado, muito simples e natural. Mas não o é. Creio poder asseverar que poucas gerações, no Brasil, prometeram tanto, sob esse aspecto. Esta vem preocupada de modo sério, com a vida, no sentido mais largo da expressão. O espetáculo do mundo, atualmente; o abalo profundo que todos sofreram se aos velhos apenas impressionou, aos novos marcou de vez com o seu cunho indelével. A perspectiva de momentos ainda mais trágicos, causados pela violência furiosa das mal compreendidas reivindicações sociais; a revivescência do espírito místico em todo o mundo; enfim todos os perturbadores fenômenos morais deste tempo, tudo isso causou um misterioso, ainda indefinido (talvez inconsciente até) sentimento novo da vida, e tem de determinar nos espíritos legitimamente humanos uma mais grave e menos artificiosa visão das coisas. O momento não pode ser senão o das cogitações de importância intrínseca. O pensador de hoje não pode nem deve perder-se em labor penoso para atingir à perfeição ou ao pitoresco da expressão.

A cristalização deve fazer-se de modo totalmente espontâneo, pois ante a grandeza, iminência e variedade dos problemas que nos rodeiam não há que atermo-nos às pequenas imperfeições da técnica. O pensamento hodierno tem de ser por excelência de ação, dinâmógeno, impulsionador, pois há necessidade de que seja construtivo antes de tudo. Por isso alegrou-me o aparecimento deste opúsculo *Urupês e o Sertanejo Brasileiro*. Leônidas de Loyola é mais um nome de pensador a acrescentar aos que já conta a nova geração. Meu mais sincero voto é para que apareçam, entre nós, muitos espíritos como o desse moço, como o dele de-sassombrados, cheios de idéias e de convicções, animados do seu idealismo nobre e edificante. Leônidas de Loyola levanta protesto ardoroso contra a aceitação deplorável, por parte do público brasileiro, do tipo do Jeca-Tatu, traçado, aliás, com notável vigor artístico, pelo escritor paulista Monteiro Lobato. Essa sua atitude, vindo "ao arrepio da corrente de sentir geral" (como diz ele próprio) é corajosa e digna. Não será o primeiro que a tenha assumido, mas seu libelo é o mais completo dentre quantos pude ler; não será o mais profundo, mas é dos mais entusiastas, dos mais vibrantes e dos mais persuasivos. Sente-se que o que fala nele é uma convicção, e uma convicção indignada, que explode. Demais há outro mérito neste livrinho: seu autor é especialista em sociologia brasileira, um dos novos que se dedicaram de corpo e alma à causa do nacionalismo muito antes das manifestações exteriores dessa corrente provocadas pela campanha de Bilac, muito antes, pois, de tornar-se moda ser nacionalista. Leônidas de Loyola, apesar das suas citações numerosas, fala muito por conta própria, conhecendo *de visu* o sertão e o sertanejo paranaense, sertanejo que é irmão e vizinho do Jeca-Tatu, do sertanejo paulista tão malsinado por Monteiro Lobato em *Urupês* e ao qual o próprio Monteiro Lobato justificou em parte no *Problema Vital*. O testemunho de Leônidas de Loyola não é, porém, tardio. O *Problema Vital* de Monteiro Lobato, não conseguiu desfazer a impressão enorme causada por *Urupês*, em parte devido a que este livro lisonjeava o pessimismo que está fazendo tanto mal ao Brasil e em parte porque a figura caricatural, tendenciosamente generalizada, mas engenhosa e vivendo da vida intensa que lhe comunicou a arte tão interessante de Monteiro Lobato, gravou-se fortemente no cérebro do nosso público. Este combate que Leônidas de Loyola move ao tipo de sertanejo brasileiro que Monteiro Lobato criou, é, pois, ainda legítimo e incontestavelmente meritório. O jovem pensador e publicista paranaense dá, neste opúsculo, belo testemunho do seu temperamento sério, equilibrado, decidido, e das suas intenções justas e patrióticas. Seus conhecimentos já consideráveis da sociologia e história brasileiras, permitem-lhe formular conceitos firmes, demonstrando acabada compreensão das nossas coisas, e fá-lo com elegância. Cito ao acaso: "A história do Brasil assemelha-se, sob certos aspectos, a um drama secundário representado por atores medíocres. São-nos de tal modo desfavoráveis certas fatalidades históricas que fatos de nossa vida de povo só podem ter, única e exclusivamente, a deplorável feição que estão apresentando". Ou então: "Foi feliz na tentativa o Sr.

Monteiro Lobato. Em primeiro lugar, porque a caricatura, que consiste na deformação, no aumento ou diminuição dos traços picturais, não pode, em absoluto, servir de símbolo a uma raça. Amanhã um outro escritor qualquer, tomando Jeca-Tatu para tema, poderá com o mesmo poder descritivo e imaginativo do Sr. Monteiro Lobato, fazer do sertanejo uma figura épica, emprestando-lhe todas as virtudes heróicas da nossa nacionalidade, da mesma maneira por que, através do seu dissolvente pessimismo, o Sr. Monteiro Lobato lhe emprestou todos os defeitos possíveis e imagináveis". Não concordo com o autor quando quase nega o mérito artístico, literário de *Urupês*. Esse mérito foi reconhecido até pelos mais ardorosos contraditores do contista paulista. "Choo! Pan!" "O mata-paus", "Bocatorta", "Um suplício moderno", "Bucólica", são excelentes contos regionais, alguns, até, de forte dramaticidade, expurgados do abuso dialético tão habitual nos escritores de costumes sertanejos. Tal preconceito dá ao opúsculo calor de paixão excessivo. Outro ponto que não cabe discutir aqui, é o da aplicação feita por L. de Loyola dum pensamento de Alberto Torres ao caso de que o autor trata. A argumentação do autor é justa, mas o aludido pensamento do eminente sociólogo é que não me parece resultado de acurada observação. Atribuir aos chefes (governantes, sacerdotes, etc.) toda a responsabilidade da desorganização de um povo é esquecer a influência poderosa do ambiente sobre as mais fortes individualidades. Tomando, porém, no sentido de maior relatividade, o conceito vale. *Urupês* e o sertanejo brasileiro é uma estréia muito afirmativa. Este estreante é já individualidade formada, e capaz de muita evolução; pensador que escreve de plena e inteira boa fé, e com intenção edificante, quer dizer, um escritor que tem caráter e que é generoso, altas virtudes, tão raras hoje.

